

## ENTRE A ESPERANÇA E A BUSCA: OS FILHOS DA MÃE-ÁFRICA<sup>1</sup>

Claudiana Soerensen – claudianasoerensen@gmail.com  
Doutoranda na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

**RESUMO:** O poeta angolano Agostinho Neto convoca os irmãos, todos filhos da mãe-África, à luta. Mas não o faz de maneira tradicional, sob a plataforma política, antes, os convoca pela poesia, pelo lirismo do poema “Adeus à hora da largada”. A figura materna será responsável pelo grito contando as mazelas, bradando à mudança. Se em um primeiro momento o poema passa a impressão de resignação, na segunda parte o clamor é latente e a mudança é urgente. A presente interpretação pretende abordar a tradicional e profícua relação entre literatura e política na realidade de Angola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mãe-África; Agostinho Neto; “Adeus à hora da largada”; Literatura africana.

“Toda imagem pode fascinar como uma aparição capaz de perseguir”.  
Alfredo Bosi

Kafka descreveu um tipo de esperança resignada e passiva em uma história de *O Processo*. Um homem chega à porta que conduz ao céu (a Lei) e implora ao porteiro que o deixe entrar. Este lhe diz que não pode admiti-lo no momento. Embora a porta que leva à Lei esteja aberta, o homem decide que é melhor esperar até ter permissão para entrar, de modo que ele se sinta e espera durante dias e anos. Repetidamente pede que lhe permitam entrar, mas sempre lhe respondem que ainda não podem deixá-lo entrar. Durante todos esses anos o homem estuda o porteiro quase que incessantemente e aprende a conhecer até mesmo as pulgas de sua gola de pele. Finalmente, ele fica velho e está próximo da morte. Pela primeira vez ele faz a pergunta:

- Como é que, durante todos esses anos, ninguém a não ser eu procurou entrar? E o porteiro responde:

- Ninguém a não ser você tem permissão de cruzar esta porta, porquanto ela estava destinada a você. Agora vou fechá-la.

O velho estava muito idoso para compreender e talvez não tivesse compreendido se fosse mais jovem. Se tivesse tido mais do que essa esperança passiva, ele teria entrado, e sua coragem o teria levado ao brilhante palácio. Muitos são como o velho, de Kafka. Eles esperam, mas não lhes

---

<sup>1</sup> Artigo apresentando à II Copene Sul, em Curitiba, datado de 2015, disponível em <https://proceedings.galoa.com.br/copene-sul/trabalhos/o-grito-que-clama-a-mudanca-o-poeta-convida-a-luta?lang=pt-br>. Consultado em 24/04/2018.

cabe agir segundo o impulso do coração e, enquanto os burocratas não lhe dão sinal verde, eles prosseguem esperando.<sup>2</sup>

Esse modelo de esperança passiva está estreitamente relacionado com uma forma de esperança, a qual poderia ser descrita como “esperando o tempo certo”. O futuro passa a ser a categoria central. Ela remete à resignação, à passividade, à conformação; não existe busca para que algo aconteça, mas crê-se que a posteridade trará o que se precisa sem nenhum esforço do sujeito histórico. Em um primeiro momento, é essa a leitura que fazemos dos primeiros versos do poema “Adeus à hora da largada”, do poeta angolano Agostinho Neto. Porém, a leitura progressiva permite outra interpretação: é quando se percebe a convocação à luta para o fim da escravatura. O eu-lírico convida aos “irmãos” a buscarem a luz, a lutarem pela vida, sempre em ato confidencial com a Mãe. A figura materna está presentificada em todo o poema; ela é o norte e o sul do “eu-indivíduo” e do “eu-coletivo”.

## ESPERANÇA, ALTERIDADE E DEVR NAS “FRASES MOTIVADAS”

[...] a mim também me agrada que o quanto possível os nomes sejam semelhantes às coisas; mas temo que na verdade, segundo a expressão de Hermógenes, seja forçado puxar assim pela semelhança, e que seja necessário lançar mão deste grosseiro recurso, a convenção, para a justeza dos nomes. *Platão*

A carpintaria poética é filha do signo linguístico. Para Alfredo Bosi (2000, p. 49) o signo é um fenômeno histórico e social que pode mudar, tornar-se irreconhecível, ceder lugar a outro signo e, até mesmo, morrer. “O seu valor apura-se exato em um contexto. E as conotações que o penetram são, quase sempre, ideológicas”. E mais adiante Bosi (2000, p. 52) pontua que o signo “é um segmento de matéria que foi assumido pelo homem para dar ato de presença a qualquer objeto ou momento da existência”. É como “ato de presença” que se inscreve o poema “Adeus à hora da largada” e ele pode ser interpretado a partir da organização de seus signos, ou como nomeia Bosi, interpretação a partir das “frases motivadas”.

A leitura minuciosa levou-nos à interpretação de que é possível identificar no poema a “divisão” em três partes as quais indiciam os tons – esperança, alteridade e devir -, e tem duas imagens centrais: a da mãe e a dos filhos.<sup>3</sup>

A primeira parte mostra a trajetória de um “eu-lírico individual” que não quer mais esperar, afirmando que a vida matou nele a “mística esperança”. A morte é sugestiva; é como se ela levasse

<sup>2</sup> Adaptado de FROMM, Erich. **A Revolução da Esperança**. Editora Zahar: Rio de Janeiro, 1968.

<sup>3</sup> Cabe alertar que a divisão em três partes do poema “Adeus à hora da largada”, como na versão em anexo, foi uma estratégia interpretativa criada pela autora do presente ensaio ao perceber as mudanças de tons presentes. Contudo, não existe divisão gráfica no poema “original”.

a esperança resignada, aquela que causa o atrofamento da movimentação. A estaticidade desaparece junto com o “eu-indivíduo” e faz surgir o “eu-coletivo”, filho – junto a tantos outros – que aprendeu com a mãe a esperar, a ser paciente nas “horas difíceis”.

Os versos “Eu já não espero/sou aquele por quem se espera” demonstram a passagem da posição de sujeito que espera para objeto a ser esperado. Essa espera revela que outros o aguardam por razões, nesse momento, indefinidas, mas que logo serão apresentadas. E são os quatros versos posteriores que indiciam a função que terá esse “ser individual” (indicado pelo pronome pessoal e pela flexão verbal em primeira pessoa do singular – “Sou eu”) transformado em “ser coletivo” (indicado pelo pronome pessoal e pela flexão verbal em primeira pessoa do plural – “somos nós”). Eles serão a esperança lançada para uma “fé que alimenta a vida”.

Ocorre, na primeira parte, a alteração da “mística esperança” em fé, crença que dá ânimo, o alimento da vida. É o estado de esperança transformado em força, via o alimento. Sem ele o homem sucumbe. Contudo, esse alimento não é comida; não é orgânico, mas sim, memórias e constatações sobre a realidade cruel desses filhos. O alimento gera a crença na mudança e acentua a morte da esperança.

Na etimologia latina, esperança vem de “*spes*” e “*sperare*”, que significa uma espera aberta, uma tendência para um bem futuro e possível. Da mesma etimologia, temos “*pro-sperere*” que significa evoluir conforme o esperado, tornar-se próspero. Outra derivação notável, de raiz indo-europeia, de “*spe*” é espargir, espalhar, espriar. Quando o homem, em sua evolução, passou da simples atividade de caça e coleta à agricultura, tinha como lide espargir, espalhar esporos, sementes na terra.

Não é surpresa, pois, que os verbetes esperma, espuma, esporo tenham a mesma etimologia. O esperma, como uma espuma que o homem deposita é cultivado no ventre da mulher, se identifica com a trajetória da semente depositada na “mãe terra”. Então, ao espargir esperma no ventre de uma mulher, cultivamos a esperança de, no futuro, colhermos um filho, assim como em espargir, espalhar sementes na “mãe terra”, está implícita a esperança de, no futuro, colhermos alimentos.

Existem, ainda, outras correlações ligadas à raiz “*spe*” e da sua extensão “*spen*”. “*Penderè*”, em latim, derivado de “*spen*”, significa pender, estar pendurado, pêndulo, apêndice, depender, entre outras significações e derivações. E é o pêndulo entre o presente e o futuro que nortearão o eu-lírico nas outras duas partes do poema, iniciando-as com os advérbios de tempo hoje e amanhã, respectivamente.

A segunda parte do poema revela a alteridade, no presente. Inicia-se com o advérbio “Hoje”. O sentimento de identificação, de reconhecimento a partir do Outro, leva à constatação

de que o Outro está engendrado no “eu-coletivo”. A flexão verbal em primeira pessoa do plural requer o pronome pessoal nós. Ao enunciar as mazelas das crianças, dos homens e dos bairros, o eu-lírico está incluso não apenas no verbo ser, mas, sobretudo, ele está contido nas expressões “teus filhos” e “somos nós mesmos”. Tais expressões ajudarão a desnudar a realidade dos filhos.

Toda a crueza é posta em evidência: são crianças sem vestes em ambientes sem conforto ou endereço certo; são garotos sem aula a brincarem com brinquedo roto, em horário da escola. E as agruras não são, somente, sentidas através da faixa-etária infantil. Elas também assimilam a fase adulta como se fossem leões famintos a estraçalharem a dignidade humana.

O “eu-coletivo”, antes “crianças nuas” e “garotos sem escola”, desloca-se para a fase adulta para contar as misérias dos contratados dos cafezais que queimam lá as suas vidas. Narra a saga dos homens negros, ignorantes, que devem respeito ao homem branco e temor ao rico. Esse “eu-coletivo” descreve a escuridão em que vivem os filhos, destacando que essa é uma característica peculiar dos “bairros de pretos”, pois nesses locais não existe luz elétrica.

Somadas às descrições angustiantes das crianças, dos homens e dos bairros, vêm as condições materiais e psicológicas as quais expõem a queda dos homens embriagados e “abandonados aos ritmos dum batuque de morte”. Este último verso é um dos mais longos e contrasta com os três seguintes, que são curtos. Junto com um quinto verso eles formam, em conjunto e tipograficamente, um vazio que pode ser interpretado como muitos filhos, com fome e sede, intensificando o som da morte e a vergonha de chamar Mãe. Abaixo, o destaque da disposição gráfica do vazio formado pelos versos longos e curtos.

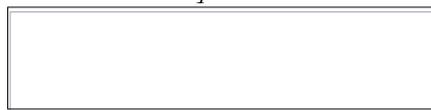
*abandonados ao ritmo dum batuque de morte*

*teus filhos*

*com fome*

*com sede*

*com vergonha de te chamarmos Mãe*



Após falar do abandono e da vergonha, o “eu-coletivo” fala sobre os medos de atravessar as ruas e dos homens. Anteriormente ele havia descrito os “bairros de pretos”. Se contextualizarmos historicamente o período em que foi escrito o poema, ficamos sabendo que naquele momento, em Angola, o *apartheid* era profundo. Havia bairros, escolas, lugares que podiam ser frequentados apenas por brancos. Atravessar a rua transgredindo esta divisão era motivo de morte. O medo é afirmado e reafirmando em dois versos subsequentes: “*com medo de atravessar as ruas/com medo dos homens*”.

O último verso da segunda parte causa-nos a sensação de que está solto e motiva estranhamento. Ele chega a sugerir o desprendimento com a ideia anterior de medo, pois não tem nenhuma preposição para fazer a ligação e apenas expressa “*nós mesmos*”. Nesse momento, a expressão se diferencia de quando aparece a primeira vez quando vem relacionado com a ideia anterior e a posterior, em forma de *enjambement*, aliás, recurso frequente em todo o poema: “*nos areais ao meio-dia/somos nós mesmos/os contratados a queimar vidas nos cafezais*”.

A terceira parte do poema, a menor, capta o sentimento latente do devir e inicia-se com o advérbio de tempo “amanhã”. Porém, esse devir não está distante; não se trata de um tempo longínquo do futuro. O primeiro verbo, “entoaremos”, está conjugado no futuro do presente e indica certa distância, mas as duas flexões do verbo ir (vamos e vão) permitem inferir que para os filhos o futuro começa no presente: “*Nós vamos em busca de luz*” e “*Vão [os teus filhos] em busca de vida*”. O que se quer entoar no futuro são os hinos à liberdade para comemorar a abolição da escravatura.

Essa última parte contrasta com a primeira. Nesta, aparecem cinco vezes a ideia de espera, seja em forma de “esperança” (duas vezes) ou em flexões do verbo esperar (se espera, esperaste, a esperar). Já, nos últimos versos, o sentimento expresso é de luta e de ação: “*Nós vamos em busca de luz*”. Se na primeira parte o que domina é uma esperança passiva, na última o sentimento de devir libertador que carece de batalhas, de lutas, de buscas, é latente.

Outro aspecto que pode ser observado dentro das “frases motivadas” é o uso da maiúscula alegorizante no substantivo “Mãe”. Esse recurso tipográfico visa dar ao termo grafado com a inicial maiúscula uma carga semântica mais significativa, conferindo a ele um valor importante, ou transformando-o em símbolo, alegoria, através da personificação. E é sobre a importância da imagem materna que discorreremos a seguir.

## A MÃE E OS FILHOS: A ANGOLA/ÁFRICA E O SEU POVO

"Amamos as nossas mães quase sem o saber e só nos damos conta da profundidade das raízes desse amor no momento da derradeira separação". *Guy de Maupassant*

“A poesia é obra da cultura: nasce e vive na história dos homens”. *Alfredo Bosi*

A poeta Alda Lara também cantou a Mãe-África no poema “Presença Africana”, assim como Agostinho Neto em “Adeus à hora da largada”.

*Mãe-África!*  
*Mãe forte da floresta e do deserto,*  
*ainda sou,*

*a irmã-mulher  
de tudo o que em ti vibra  
puro e incerto!...*

Apesar de, ao contrário de Alda Lara, Neto não fazer uso da expressão “Mãe-África”, ele invoca a “*todas as mães negras/cujos filhos partiram*”, por duas vezes, no início e no final do poema. Essa característica de invocação à mãe surge com o *Movimento Vamos Descobrir Angola*, em 1948<sup>4</sup>. A Mãe era, ao mesmo tempo, mulher e terra e representava, no contexto angolano, a mãe negra biológica, a nação angolana e o continente africano, em uma perspectiva pan-africanista que concebia a África como a progenitora da raça negra e a terra prometida de um povo em diáspora. Agostinho Neto no poema “Havemos de voltar” exalta a mãe-pátria, a Angola.

*À bela pátria angolana  
nossa terra, nossa mãe  
havemos de voltar*

*Havemos de voltar  
À Angola libertada  
Angola independente.*

Rita Chaves (1999, p. 116) observa que essa imagem da terra angolana associada à figura da mãe “tornou-se um *leitmotiv* no percurso da poesia angolana, de que se utilizaram poetas e ficcionistas para expressão de suas verdades, enlevados por uma maciça dose de sentimento nacional”.

A configuração do símbolo angolano da Mãe-África é similar à ocorrida em todo continente africano e na diáspora negra, pois se assenta sobre a mesma base ideológica (e mitológica) pan-africanista e nacionalista. Angola e toda África subsaariana possuem algumas características históricas, sociais e culturais que reforçam a ligação simbólica envolvendo a mulher (mãe) e a terra (nação e continente), associadas à ancestralidade africana. Dentre essas características, a principal delas é o “sistema político-social matrilinear” que predominava entre as civilizações africanas pré-coloniais.

Essa representação simbólica da mãe tem enraizamentos históricos, pois em vários países da África, antes da colonização, o sistema era matrilinear. A criança mantinha contato estreito e

<sup>4</sup> Em vários textos de crítica literária esse é o ano em que se inicia o movimento, porém, na biografia de Agostinho Neto, disponível em [http://agostinhoneto.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=66&Itemid=95&lang=pt](http://agostinhoneto.org/index.php?option=com_content&view=article&id=66&Itemid=95&lang=pt), o ano é de 1947 e no ano seguinte teria surgido o Movimento dos Jovens Intelectuais de Angola. Optou em ficar com a data encontrada em textos críticos.

longo com a mãe por toda a sua vida. Quando chegava o momento de escolher os cônjuges (homem ou mulher) era através da linhagem materna que se obtinham os pares. Os tios maternos tinham autonomia sobre os filhos de suas irmãs e, depois do matrimônio, o homem abandonava sua família e linhagem para viver na de sua esposa. Portanto, “a maternidade passa a ser percebida em muitas sociedades africanas como elemento que define o significado do signo mulher, marcando seu status social e sendo um dado importante na cosmologia de muitas tribos africanas” (Bezerra, 1999, p. 51).

Também na economia a mulher era personagem importante no sistema matrilinear. Conforme Nascimento, nas civilizações agrárias africanas a mulher desempenhava uma função econômica de destaque “representando socialmente a estabilidade da vida agrícola com suas atividades no campo, garantindo o sistema de coletividade, enquanto homem desempenhava outras funções, como a caça, a pesca e a guerra”. Contudo, alerta a autora, essa característica não “implica uma dominação da mulher sobre o homem, mas uma divisão igualitária de responsabilidades e privilégios, como o poder compartilhado entre mulher e homem, assegurando um equilíbrio estável nos negócios de estado” (Nascimento, 1996, p. 11).

Economia e procriação se associam, pois quantos mais filhos, mais braços para trabalhar. E segundo Bezerra (1999, p. 52) “tanto a terra como a mulher são marcadas como símbolos de fertilidade e fecundidade, sendo que a posição social da mulher funciona como um fator fundamental no processo de organização política, econômica e religiosa da sociedade angolana”.

A figura da mãe vai-se associar à da terra nos planos individual, nacional e continental. É, por exemplo, o caso da Angola onde tanto Alda Lara como Agostinho Neto exaltam a pátria e a África, construindo uma imagística de genitora da raça negra e terra-mãe de filhos em deslocamento.

No período de luta pela independência em Angola, o grito de exaltação à Mãe-África foi a voz predominante e inscreve-se desde a luta pela afirmação cultural iniciada em 1948 até a independência política, em 1975, e não somente o período de luta armada (1961-1975) propriamente dito. O canto à Mãe-África (ou Mãe-Terra) tornou-se, então, um grito de afirmação da identidade angolana e africana, resgatando o elemento ancestral africano encoberto pela assimilação cultural europeia promovida pelo colonialismo, o que resultou no (re)nascimento do sonho, da esperança e da certeza – idealizada - de um amanhecer liberto dos grilhões do sistema colonial português.

Segundo Alfredo Bosi (2000, p. 13) a contextualização do poema é não simples datação, mas é “inserir as suas imagens e pensamentos em uma trama já em si multidimensional”; uma

dessas dimensões é o poeta, já que as referências históricas e culturais “pesam sobre a *maneira* de o poeta escolher a perspectiva, o gênero, a forma, o vocabulário e as rimas” (Bosi, 1996, p. 236).

António Agostinho Neto não havia mostrado nenhuma participação política efetiva até sua ida a Portugal para cursar a faculdade de Medicina. Em 1944 participa de atividades políticas e culturais em Coimbra. Quando consegue uma bolsa de estudos para a Faculdade de Medicina de Lisboa, muda-se para a capital e prossegue as atividades junto à Casa dos Estudantes do Império. Embora em Portugal, torna-se elemento integrante do Movimento dos Jovens Intelectuais de Angola o qual inicia o “Movimento Vamos Descobrir a Angola”. O poeta parece ter-se voltado à pátria através de um “olhar estrangeiro”. A saída da pátria-mãe e o contato com o que estava acontecendo na Europa e na América permite-lhe uma visão ampla da realidade angolana.

A imagem da Mãe-África foi um dos símbolos utilizados pelos intelectuais africanos na luta de afirmação cultural e política frente ao império português. Esse símbolo, sufocado durante séculos pela assimilação cultural europeia, retornou com força total no imaginário literário angolano no período de pré-independência quando, na segunda metade dos anos 40, jovens intelectuais africanos entraram em contato com os ideais pan-africanistas difundidos pelas obras dos escritores do Renascimento Negro norte-americano, Indigenismo haitiano, Negrismo cubano e Negritude francófona. O crítico literário português Pires Laranjeira (1995, p. 51) comenta a grande influência que o movimento pan-africanista exerceu sobre o mundo negro africano:

É, hoje, tido como assente que o Pan-africanismo influenciou todos os grupos e movimentos da sociedade, da política e da cultura dos negros africanos e extra-africanos no sentido de uma identificação com a sua comunidade racial e, muitas vezes, com um sentimento e uma prática de solidariedade e fraternidade universal.

Ao dialogar com a cultura, os valores e os ideais de seus contemporâneos e iguais – “irmãos” das colônias de Portugal assim como Angola – integra o Movimento Anticolonialista que congregava compatriotas os quais almejavam uma ação revolucionária conjunta nas cinco colônias portuguesas: Angola, Guiné Bissau, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe.

A história de vida de Agostinho Neto é uma das dimensões de contextualização do poema. “A poesia pertence à História Geral, mas é preciso conhecer qual é a história peculiar imanente e operante em cada poema”, conforme Bosi (2000, p. 13). Não significa, contudo, tratar a poesia sob o viés de um determinismo biológico (biografismo), mas não se pode ignorar a crítica genética, ainda que sucintamente.

Os ideais pan-africanistas – entre eles a Negritude - difundidos pelos movimentos culturais negros, embora tenham chegado um pouco tarde às colônias portuguesas, muito provavelmente

em razão da rígida censura imposta pela ditadura em Portugal, têm acentuada importância e contribuiu definitivamente para o nascimento da moderna literatura angolana, e percebe-se que tais ideais repercutem no poema aqui analisado.

De acordo com Pires Laranjeira (1995, p. 92), “Adeus à hora da largada” faz parte da fase neorrealista que abrange os dezesseis primeiros poemas de *Sagrada Esperança*, escritos entre 1945 e 1948-50, nos quais há o predomínio da influência do Neorrealismo português, estética literária surgida nos anos 40 que objetivava uma “nova interpretação da realidade”. A combinação movimento português com a Negritude francófona, de ideologia pan-africanista, propunha o resgate da identidade negra. Pires Laranjeira (1995, p. 93) comenta essa associação entre o Neorrealismo e a Negritude, tão comum nos textos africanos das décadas de 40 e 50:

A convivência da lição do Neo-realismo e da Negritude num mesmo texto não nos deve surpreender, na medida em que ambos os movimentos assentavam ideologicamente nos mesmos princípios prometeicos da busca de uma sociedade sem repressão e do estar de acordo com o fim dos regimes de exploração do homem, para a edificação de um Homem Novo, através do marxismo – no caso do Neo-realismo e também da Negritude agressiva (cesairiana) – e do humanismo cristão. Em síntese, podemos dizer que, nos poetas africanos de língua portuguesa, a Negritude assenta sobre o fundo do Neo-realismo que a precede ou que acompanha a par e passo.

Outro aspecto que evoca a trajetória pessoal de Agostinho e que parece influenciar o poema é a formação cristã do poeta. Os substantivos “esperança”, “fé”, “vida” e “luz”, a interjeição “adeus” (sonoramente lembra preposição “a” e substantivo “Deus”), a ideia de irmandade retomada pelos versos “teus filhos” que percorre o poema “Adeus à hora da largada” bem como o título do livro do qual o poema faz parte, “Sagrada Esperança”, suscitam pistas que levam a crer que sua formação cristã influenciou sua escrita.

Também levantamos os indícios de que as atividades culturais promovidas pelo “Movimento Vamos Descobrir Angola” e pela Casa dos Estudantes do Império (CEI) de Lisboa e Coimbra, essencialmente nacionalistas, contribuíram com a formação intelectual e poética de Agostinho Neto. Para Alfredo Bosi um modo “de enfrentar a questão do tempo inerente aos significados do poema é situá-lo na trama viva da história cultural” (1996, p. 235), e foi esse o intuito da segunda parte desse ensaio que, somado às “frases motivadas”, conclui a análise proposta.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, Kátia da Costa. Paula Tavares: uma voz em tensão na poesia angolana dos anos 80. In: **Estudos portugueses e africanos**, Campinas, n. 33/34, p. 21-36, jul./dez./ 1999.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da Poesia**. 6<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOSI, Alfredo. A intuição da passagem em um soneto de Raimundo Correia. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Leitura de poesia**. São Paulo: Ática, 1996. (Temas, 59)

CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano**. Coleção Via Atlântica. São Paulo: Edusp, 1999.

FROMM, Erich. **A Revolução da Esperança**. Editora Zahar: Rio de Janeiro, 1968.

LARANJEIRA, Pires. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Coimbra: Universidade Aberta, 1995.

LARANJEIRA, Pires. **A Negritude africana de língua portuguesa**. Porto: Afrontamento, 1995.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Expressão literária e matrizes africanas no Brasil. **Atas do Seminário das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (1994)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

NETO, Agostinho. **Sagrada Esperança**. 9 ed. Lisboa: Sá da Costa, 1979.

#### ANEXO

ADEUS À HORA DA LARGADA –

Agostinho Neto, Angola.

Minha Mãe

(todas as mães negras

cujos filhos partiram)

tu me ensinaste a esperar

como esperaste nas horas difíceis

Mas a vida

matou em mim essa mística esperança

Eu já não espero

sou aquele por quem se espera

Sou eu minha Mãe

a esperança somos nós

os teus filhos

partidos para uma fé que alimenta a vida

Hoje

somos as crianças nuas das sanzalas do mato

os garotos sem escola a jogar a bola de trapos

nos areais ao meio-dia

somos nós mesmos

os contratados a queimar vidas nos cafezais

os homens negros ignorantes

que devem respeitar o homem branco

e temer o rico

somos os teus filhos

dos bairros de pretos

além aonde não chega a luz elétrica

os homens bêbedos a cair

abandonados ao ritmo dum batuque de morte

teus filhos

com fome

com sede

com vergonha de te chamarmos Mãe

com medo de atravessar as ruas

com medo dos homens

nós mesmos

Amanhã

entoaremos hinos à liberdade

quando comemorarmos

a data da abolição desta escravatura

Nós vamos em busca de luz

os teus filhos Mãe

(todas as mães negras

cujos filhos partiram)

Vão em busca de vida.

***Title***

Between Hope and the Quest: Mother-Africa's children.

***Abstract***

The Angolan poet Agostinho Neto calls his brothers, all of them sons of mother-Africa, for the fight. But he doesn't do it in a traditional way, under the political platform, rather, he summons them by the poetry, by the lyricism of the poem "Farewell to the start time". The mother's figure will be responsible for the scream telling the sorrows, shouting for the change. If at first, the poem passes the impression of resignation, in its second part the clamor is latent and the change is urgent. The present interpretation intends to approach the traditional and profitable relationship between literature and politics in the reality of Angola.

***Keywords***

Mother-Africa; Agostinho Neto; "Adeus à hora da largada"; African Literature.

---

Recebido em: 06/11/2017.

Aceito em: 24/04/2018.